

CIBERMEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE UM PROCESSO DE CRIAÇÃO

Rafaelle Ribeiro Rabello
rafaelle.rabello@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7367251955373676>

RESUMO

O texto é um recorte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no programa de pós-graduação em artes, na linha de poéticas o qual apresenta reflexões em torno da relação entre o sujeito e os registros fotográficos que se acumulam nos mais diversos espaços digitais, as cibermemórias. A partir deste fenômeno contemporâneo, que chamo de *fast-flanêur* proponho poeticamente, uma outra forma de ver e pensar a imagem, imergindo em suas entranhas para perceber configurações que escapam perante a fugacidade do olhar.

Palavras-chave: cibermemória; fotografia; dispositivo móvel; imagem múltipla

Os dispositivos móveis já são considerados uma extensão de nossos corpos. Praticamente tudo o que fazemos hoje está mediado pelos fenômenos operacionais de tais aparelhos. Nossa vida vem se tornando cada vez mais cíbrida, uma vez que nossas ações do dia-a-dia, começam a atravessar os espaços físico e digital, tornando-os elementos combinatórios em nosso desdobrar como sujeitos. Dessa mobilidade que nos foi oferecida e explorada de todas as maneiras, nos revelamos acumuladores de arquivos digitais natos, compulsivos pelo registro de imagens, *screenshots*, *downloads* e compartilhamentos. Quase como em um ciclo compulsivo obsessivo, não tomamos consciência do processo, que acaba tornando-se superficial, frio e meramente operacional. É como visitar um lugar com todas as suas camadas de sublimidade e vivenciá-lo exclusivamente através de um recorte, visualizado por um pequeno quadrado, deixando de lado a imersão total naquela atmosfera de novas sensações. A ânsia pelo registro de eternizar a memória nos tornou *fast-flanêur* dos momentos. Começamos a perder a capacidade de observar os detalhes, as entranhas dos lugares, e situações que devem permanecer talvez, somente na memória biológica.

O fenômeno contemporâneo da relação entre o sujeito e suas fotografias, principalmente após a popularização das câmeras digitais e com a possibilidade de armazená-las em dispositivos com capacidades gigantescas de memória compreende uma

mudança no ritual em torno da apreciação da imagem. Os registros pessoais de tempos e lugares vividos passam a ocupar espaços cada vez menos afetivos, dominando de vez os mais rígidos. Deixam as estantes e prateleiras de nossas salas e migram para dispositivos USB, móveis e começam a se hospedar nas redes e nas nuvens. Esse conjunto de ambientes digitais que armazenam experiências vividas em forma de textos, sons, vídeos e imagens, agrupam elementos que podemos chamar de cibermemórias¹.

É, portanto, a partir desses fenômenos que começo a perceber toda a configuração que surge em torno das minhas cibermemórias, e desdobra-se em um movimento de reaproximação de momentos vividos, na busca de acessar instantes perdidos que se abstraem em sensações visuais. Assim, ao acessar o meu acervo digital questiono-me principalmente sobre aquele momento perdido em razão de deixar-me levar pela ânsia de eternizar um instante. Como poderia acessar novamente aquela atmosfera multissensorial e perceber novas configurações?

O movimento poético foi se revelando no ato de passar a perceber aquele instante por meio de outras visualidades. Tais imagens geradas, compreendem novas estruturas visuais em uma multiplicidade de formas abstratas que representam para mim, sensações perdidas. O processo de imersão no acervo se desdobra em camadas afetivas que passam desde lembranças isoladas, singulares, até à criação de novas formas visuais a partir de um estado de experimentação que se caracteriza na apresentação de aspectos visuais desconhecidos e inusitados.

O ato de vasculhar a imagem se repete insistentemente revelando um desejo de retorno para aquele tempo e espaço. A aspiração de penetrar novamente aquele instante único (Figura 01) é guiada por um processo de reconfiguração visual como forma de alcançar as camadas mais profundas daquela imagem (Figura 02) trazendo elementos ausentes de um registro fotográfico pessoal, em camadas presentes.

A partir de tais visualidades construídas, propus a série fotográfica Instantes Viscerais, pensado pela perspectiva conceitual de visceralidade, uma vez que as imagens apresentam camadas mais arraigadas, mais íntimas e profundas que são experimentadas

¹ “Contexto histórico-social (individual ou coletivo) armazenado e difundido digitalmente, expandido no ciberespaço, pronto para ser atualizado, compartilhado universalmente com o auxílio das TIs”. (OLIVEIRA, 2009, p. 8)

por interfaces² lógico-subjetivas. Uma experiência, que segundo Belting (2005), a imagem utiliza um *medium* que é fundada para além do *hardware/software*, utilizando a nossa consciência que é disparada pelo nosso corpo para engendrar imagens interiores ou para receber as imagens exteriores. São imagens que nascem em nosso corpo, a exemplo das imagens dos sonhos.

A experiência midiática que venho realizando com as imagens me conduziu ao conceito de visceral para se pensar a mesma, como possuidora de elementos mais intensos que se revelam sob uma atmosfera formal e subjetiva acionados da relação entre o eu e a interface. Penso também neste visceral, para além da imagem, uma vez que a relação estabelecida entre o eu e o processo, compreende, portanto, uma reação de desejo com a imagem. É um ato de dissecá-la olhando dentro de suas “vísceras” e percebendo mais profundamente aquela realidade.



Figura 01: Sem Título, Fotografia Digital, Rafaella Rabello
Detalhe de uma árvore, Mangal das Garças, Belém-PA, 2015

Ao debruçar-me sobre as cibermemórias pessoais, começo a perceber outras nuances, curvas e formas ainda não reveladas, tal como em uma viagem insólita dentro de

² Aqui, aponto tanto as reações neurobiológicas, emoções e reações, como a conexão do usuário com o sistema operacional nativo do dispositivo móvel.

um organismo vivo, capturando suas entranhas e descobrindo seu caráter proteiforme³. Desse modo, o processo de criação inclui o desejo de ultrapassar aquele instante fotográfico, tentando alcançar outros níveis visuais, ou simplesmente, o “infotografável”.

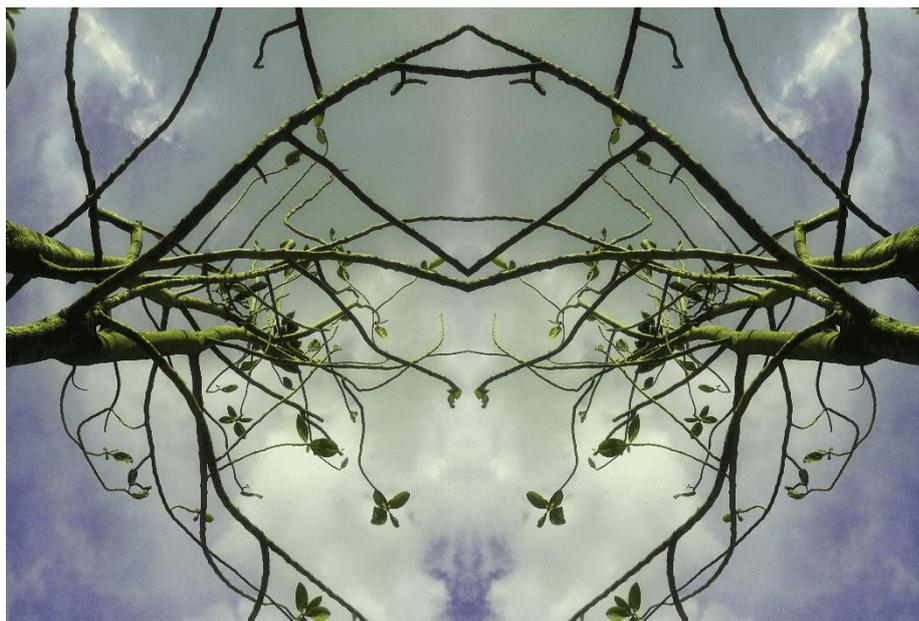


Figura 02: Sem Título, Rafaelle Rabello, 2017
Fotografia Digital manipulada em dispositivo móvel

O processo de criação parte das imagens fotográficas agrupadas em álbuns pessoais armazenados no dispositivo móvel. E, saltando entre aplicativos⁴ de edição de imagens que se apresentam hoje como importantes coadjuvantes do processo, a série Instantes Viscerais, configurou-se resultando em 19 imagens surgindo como um espaço onde apresento outras configurações visuais que me fazem repensar sobre a imagem contemporânea.

Uma primeira forma de pensá-la é a partir da perspectiva vibrátil, ao percebê-la como um organismo que se desdobra e dele emana uma potencialidade polimorfa que se revela em suas variadas estruturas visuais mais profundas. Uma segunda maneira de percebê-la

3 Que muda de forma frequentemente.

4 Mirror Lab, Snapseed, PhotoLab, Photogrid, Photoshop.

é através de sua camada de subversão, ao ponto de não mais realçar “a coisa” representada, mas de se difundir e de afetar tudo que a cerca.

A série⁵ compreende a busca da subversão da imagem que constitui o processo de criação em torno de minhas cibermemórias. Diria que, parte para uma busca pelo espaço potencial a partir de explosões múltiplas, tocando aquilo que está ausente e tornando presente algo mais distante ou mais profundo. Ao levar em consideração o seu caráter proteiforme pude descobrir que as imagens fotográficas me revelaram uma dimensão outra, um aspecto invisível de um instante fotográfico.

Olhando para os instantes viscerais, gosto de dialogar com Aloa (2017) uma vez que para ele uma imagem se torna pensativa a partir do momento em que ela apresenta sua força de subversão, introduzindo areia nas engrenagens do visual e criando um tempo - o do olhar.

Para o instante único e singular (Figura 03), passo a denominar de Instante Uno, o qual compreende exatamente aquele momento único registrado, mas que carrega combinações múltiplas que estão em constante iminência. O visceral se apresenta justamente nos espaços íntimos das imagens que apresento, que se disparam em múltiplas visualidades (Figura 04). O embrenhar-se pelas “cavidades” formais de um instante uno, me revela perceber a imagem por suas qualidades intrínsecas em uma rede de significantes.

5 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1cNPgiTp-MeMUGhP4lscvsOq2k6hcbYGB/view?usp=sharing>



Figura 03: Sem Título, Fotografia Digital, Rafaelle Rabello, 2015
Detalhe da casca da fruta *Physalis*



Figura 04: *Physalis Creature*, Fotografia Digital manipulada em dispositivo móvel
Série Instantes Viscerais, Rafaelle Rabello, 2018

De um instante fotográfico, um aspecto mais velado é disparado, revelando camadas visuais mais entranhadas daquele corpo desdobrável. De um instante fotográfico pessoal, construído a partir de um registro de memória e acumulado em arquivos móveis⁶, me apropriando dando início a um processo de descobertas de outras paisagens, ou mesmo uma combinação de quiasmas de olhares.

O processo de estar diante dessa força penetrável da imagem vem me revelando uma dimensão outra, um aspecto invisível que para ser atingido demanda um percorrer atento, uma espera, um suspense, cujo desenrolar, vai além de suas bordas e se cruzam com a heterogeneidade do olhar. Ao experimentar a imagem, busco o seu *virtus*, aquilo que não aparece de forma visualmente imediata. Pensar o *virtus* dos instantes viscerais, é portanto, pensar em algo que designa a potência soberana do que não aparece visualmente de imediato. São os espaços invisíveis a olho nú não revelados no instante uno. O movimento de fotografar até a sua busca da visceralidade da imagem permite-me transitar entre o infinitamente grande ao infinitamente pequeno encarando um outro lado que se desdobra, saindo de sua condição latente e se desvelando em suas múltiplas dobras.

Adentrar as cibermemórias e percebe-las a partir de seu aspecto proteiforme permite-me acessar um espaço, uma área em potencial que somente é acionada com o auxílio de aplicativos do dispositivo móvel. Aos poucos pude acessar as infovias da imagem e descobrir formas que me agradaram esteticamente, permitindo-me pertencer a uma outra dimensão. As formas orgânicas que surgem remetem a um olhar mais microscópico da imagem, um olhar mais preciso e profundo de um corpo que vibra, revelando uma estética mutável e múltipla.

Como um passeio em torno da imagem, o deslocamento de ponto de vista permite apreender sua forma em recombinações engendradas pelo dispositivo. Perceber tais imagens fotográficas através de seu aspecto mutável, me leva a considerar a imagem como um labirinto de formas cronotópicas, de relações intrínsecas entre o eu e as coisas, que se

6 Espaço de armazenamento de dados nativo de dispositivos móveis que podem ser compartilhados, salvos e editáveis.

estende como um *continuum* entre rupturas e permanências, construção e desconstrução. É da relação afetiva com a imagem que toda a organicidade do processo de criação se configura, revelando-se na construção visual apresentada na série Instantes Viscerais.

Observando todo processo, me aproximo da dimensão filosófica instaurada na Teoria da Multiplicidade de Deleuze, ao perceber que o campo de força do conceito de multiplicidade atravessa meu movimento criador, posto que a relação uno e múltiplo não é operado em termos de dualismo ou oposição, mas pela combinação do par, uno e múltiplo. É relevante ressaltar que, Deleuze *apud* Cardoso Junior (1996) não trata o múltiplo como adjetivo que qualifica o substantivo uno, nem como derivativo, muito menos como uma dispersão empírica em que o uno se estilhaça ou se ofusca. O uno não está em uma origem, a partir da qual se instaura uma série de gradações até seu retorno ao estado original. Neste pensamento filosófico, o múltiplo deixa de ser o adjetivo, para receber ele também, uma definição substancial. Ao instaurar o seu conceito de multiplicidade o filósofo nos propõe pensar essa configuração de elementos como um sistema das diferenças, orientada pela noção de multiplicidade.

É, portanto, a partir do processo em torno das imagens que começo a refletir conceitualmente sobre o movimento existente entre o par uno e múltiplo que se apresenta como um sistema onde as diferenças se interligam visualmente formando estruturas outras que são reveladas pela interface do dispositivo móvel. Apesar de que a formulação conceitual deleuziana em torno da multiplicidade tenha adquirido um alcance ontológico, acredito ser pertinente aproximar esse diálogo conceitual para o âmbito deste processo de criação em torno das imagens, em virtude de apresentar uma dinamicidade que vai ao encontro do movimento poético visual.

Ao dialogar com a dimensão filosófica apontada por Deleuze em sua teoria, aponto como conceito operatório que emana deste processo, a noção de Imagem Múltipla, como forma de compreender a dimensão estética que se configura nesta rede de criação.

A partir de seus aspectos visuais vou me aventurando e desnudando a imagem, ao percebê-la e considerá-la como elemento vivo que foge de seu estado de permanência em busca de um constante movimento. Da imagem, emanam propriedades que constituem um sistema vivo (MIGNONNEAU; SOMMER, 2009), ao perceber que a dinâmica entre as

estruturas visual, a interface e sua experimentação, configuram uma rede de agentes de entidades distintas que se relacionam entre si, ativando processos que resultam em múltiplas transformações, percepções, processos mentais que se revelam no desdobrar do processo.

Com Deleuze, a questão do devir surge como um convite para pensar o ser, ou nesse caso, a imagem em suas diferenças, onde o devir apresenta-se através das variações dessas diferenças no ser. Aprecio pensar a série Instantes Viscerais por esta perspectiva, uma vez que o sujeito na ânsia de alcançar um instante, se move, indicando mudanças necessárias conforme seu enfrentamento com o processo.

Ao me aventurar pelas reentrâncias da imagem, me encontro entre a tentação do visível apreendido, mas também pela longa suspensão mediada por uma interpretação multidimensional daquele instante, na busca de um invisível que ali reside. Deveríamos pensar a imagem como um objeto visual? Didi-Huberman (2015) utiliza esse termo para se referir à obra de arte como uma espécie de organismo, um corpo que possui suas especificidades, saberes e não-saberes, dotados de pontes múltiplas e tempos heterogêneos que não se aglutinam, mas sim formam camadas.

Em meio a tantos caminhos conceituais que saltam deste percurso, acredito ser pertinente pensar as imagens, para além de um objeto visual, considerando-as como um corpo orgânico, dotado de elementos e camadas visíveis e invisíveis que se apresentam por um viés polidirecional. É desse corpo orgânico (corpo-uno), que emanam corpos-múltiplos, representando a potência daquilo que não aparece visualmente de imediato, mas quando mediadas, designam o ato poético da combinação entre a realidade e a ficção.

No texto de Calvino (1992), *Aventura de um Fotógrafo*, o personagem Antonino obcecado pela busca de uma fotografia única, é levado a aventurar-se a um caminho sem volta, uma vez que, ao se encantar pelo ato de fotografar, não havia nenhuma razão para parar. Assim, o aventurar-se de Antonino, revelado no estado de alma do personagem e sua relação com a fotografia, me faz perceber que esse movimento interior que o motiva assemelha-se com o que proponho visualmente, buscando nas imagens todas as formas possíveis de serem fotografadas. E, certa de que toda imagem possui cavidades a serem

exploradas e extraídas, me resta aceitar que, a abertura ao mundo do visível e invisível, poderá nos levar a lugares e tempos múltiplos.

O instante uno, não é um recorte praticado no mundo dos aspectos visíveis. Como arte da memória, a imagem se revela em camadas que são vasculhadas com a ajuda da imaginação, nos aventurando por seus interstícios, percebendo suas relações íntimas e secretas, suas correspondências, suas analogias. A imagem é o efeito do desejo, ou melhor: ela abre espaço para isso. Toda imagem é a ideia de um desejo, aquilo com o qual entramos na relação de prazer. Tal qual em uma relação que antecipa a união de casais, no primeiro momento, a imagem nos agrada, nos atrai, experimentando um movimento pelo qual nosso olho vai procurá-las e produzi-las.

O processo de observação íntima para o que já foi fotografado e vivido, construindo um novo olhar, por ângulos, cores, formas e demais recursos visuais em um caminho constante de busca por outras imagens, revela exatamente este movimento do desejo e da ressonância da imagem. O desejo, como um prazer de ir ao fundo lança o processo em explosões múltiplas que se “perde” em formas e zonas.

Instantes Viscerais não nos revela unicamente a verdade de uma realidade. As imagens construídas, têm a capacidade de inflamar em sua multiplicidade, proliferar, revelar verdades cruas, velar e mentir. Ela nos seduz, nos despista, ela tem astúcia, nos vicia, nos engana. Ela também é percebida como um ponto de chegada de um processo inconclusivo, processo esse que se impõe sobre a imagem, onde a forma cede lugar a morfogênese, apresentando uma dinâmica relação entre objeto, arte, sujeito, vida e tecnologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALOA, EMMANUEL. (org.) **Pensar a imagem**. Trad. Carla Rodrigues, Fernando Fragoso, Alice Serra e Mariana Poyares. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BELTING, Hans. **Image, Medium, Body: A New Approach to Iconology**. In: *Critical Inquiry* 31 (Winter 2005). University of Chicago. Disponível em: <<http://layoftheland.net/archive/art3959c/readings/out.pdf>> Acesso em: 28 fev. 2023.

CALVINO, Ítalo. A Aventura de um Fotógrafo. In: **Os Amores Difíceis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 51-64.

CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. **A origem do conceito de multiplicidade segundo Gilles Deleuze**. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/trans/v19/v19a10.pdf>> Acesso em: 28 fev. 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: História da Arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

MIGNONNEAU, L; SOMMERER, C. **Interactive Art Research**. New York: Springer, 2009.

OLIVEIRA, José Claudio Alves de. **Cibermemória: lugares, objetos, museus e história na era da mobilidade**. Disponível em < <https://docplayer.com.br/10067514-Cibermemoria-lugares-objetos-museus-e-historia-na-era-da-mobilidade-1.html>> Acesso em: 28 fev. 2023.

SOBRE A AUTORA:

Doutora em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/ICA/UFPA - 2021) onde desenvolveu sua pesquisa na Linha de Poéticas e Processos de Atuação em Artes. Mestre em Artes (PPGARTES/ICA/UFPA - 2011). Especialista em Docência do Ensino Superior (ICED/UFPA - 2013). Possui graduação em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade da Amazônia (2004). Professora Substituta do curso Superior de Tecnologia em Produção Multimídia - FAV - UFPA. Integrante do grupo de Pesquisa Lab Techné (CNPq). Atua nas áreas de Educação com ênfase no ensino mediado pelas Novas Mídias e Artes Visuais e Tecnologia da Imagem, História da Arte, Cibercultura, Arte mídia, englobando estudos teóricos e práticos sobre Interface, Interatividade, Realidade Virtual, Realidade Aumentada e Cibridismo. É membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP - Comitê de Teoria, Crítica e História da Arte). Integrante do Comitê Científico do Encontro Nacional da Anpap (2018 - 2022)